
A INVESTIGAÇÃO RELIGIOSA DE JOÃO DO RIO*

ROGÉRIO PEREIRA BORGES**

*Resumo: João do Rio, considerado o primeiro repórter moderno do jornalismo brasileiro, escreveu nos primeiros anos do século 20, um conjunto de matérias que depois foram reunidas no livro *As Religiões do Rio*, em que investigava, como nunca havia sido feito antes, a expressão de muitas crenças, igrejas e denominações religiosas existentes na então capital federal de um século atrás. O presente artigo se propõe a realizar uma abordagem acerca desse trabalho pioneiro pelas perspectivas de conceitos da Análise do Discurso da Escola Francesa (AI) e pela visão do jornalismo tendo como enfoque principal as formas que o autor deu às religiões, refletindo sobre seu posicionamento diante da questão e de como efetuou suas reportagens sobre o tema.*

Palavras-chave: Religiões. João do Rio. Discurso. Jornalismo.

João do Rio é um personagem único na imprensa brasileira e na interlocução desta com a literatura de seu tempo. Um lugar conquistado não porque ele tenha, de maneira individual, promovido uma revolução jornalística ou estética, apesar de o erro de colocá-lo nessa posição seja cometido com alguma frequência. É incontestável, porém, que João Paulo Coelho Barreto – nome de batismo do escritor – personaliza uma mudança de hábitos do nosso jornalismo que resultaria em uma avalanche modernizadora sobre a qual um só indivíduo não teria a menor chance de controle. Não é correto afirmar que João do Rio foi o primeiro grande repórter da imprensa brasileira, pois há inúmeros outros que, de uma forma ou outra, tatearam o campo da reportagem antes do autor carioca. Apenas para ficar no mais famoso, podemos mencionar Euclides da Cunha e sua ampla cobertura da

* Recebido em: 03.09.2014. Aprovado em: 23.09.2014.

** Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília. Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, com ênfase em estudos literários. Professor adjunto do curso de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Colunista do jornal “O Popular” em Goiânia-GO. E-mail: rogerio-pereiraborges@hotmail.com.

Guerra de Canudos, nos últimos anos do século XIX, que resultou no clássico *Os Sertões*, publicado em 1902.

Não seria verdadeiro também dar a João do Rio o título de grande vanguardista, já que o modelo narrativo, mais objetivo e direto e que privilegiava a transmissão dos dados acerca dos fatos ocorridos em detrimento de abordagens predominantemente opinativas, posteriormente amplamente adotado na imprensa brasileira, estava em franca disseminação entre os veículos de informação dos Estados Unidos, de onde, em grande medida, importamos o modelo de narração informacional. É preciso, porém, reservar a João do Rio um lugar de honra em toda a mudança de caráter, mentalidade e procedimentos que a imprensa do Brasil, com pioneirismo dos jornais cariocas e paulistas, encampou nos primeiros anos do século XX. O País conheceu outra fase de sua história jornalística, foi apresentado a outro modo de fazer e vender jornais, de trabalhar com o poder simbólico da informação, de construir um discurso que sofria as pressões de modernização, pressionado a encontrar novos caminhos que estivessem mais de acordo com o século que começava.

João do Rio foi um dos protagonistas desse processo, enxergando além, sendo mais visionário que a esmagadora maioria de seus pares, demonstrando uma incrível capacidade de adaptação ao que estava ocorrendo. A nova configuração da imprensa brasileira exigia a informação rápida e objetiva, a apuração in loco dos fatos, o desencastelamento de redatores e escritores. Saía de cena a figura do literato e polemista que preenchia o jornal com enormes artigos de fundo e trechos de obras de ficção e iniciava o reinado do repórter, o homem que está onde tudo acontece, que presencia, que busca mais dados sobre o episódio que narra, que tentar espelhar em seu texto a realidade de um ambiente mais urbano, menos reflexivo, mais acelerado, condizente com o que se convencionou chamar de “moderno”.

Era também o início de uma modalidade de jornalismo que não se contentava com o meramente aparente ou com a disseminação de estereótipos. A investigação dos fatos, as entrevistas com as pessoas envolvidas nos episódios narrados tornaram-se práticas essenciais de uma imprensa que se apresentava – ou ao menos se esforçava por se apresentar assim – mais objetiva e isenta. Era uma transição em muitos aspectos traumática para a área e João do Rio incorporou esse espírito de mudança. Ainda sob a grande influência do período literário da imprensa, que ele nunca renegou, o autor saiu por um Rio de Janeiro efervescente com as obras de modernização do prefeito Pereira Passos, que mudou a cara urbana da então capital federal na primeira década do século XX. João do Rio foi à cata de histórias reais, de personagens de carne e osso, de episódios que pudessem ilustrar, com relatos verdadeiros e não inventados, o que ocorria na cidade e no País naquele momento. Em outras palavras, João do Rio foi um dos primeiros grandes repórteres do Rio de Janeiro em mutação.

A agudeza das transformações era impressionante e desse caldo multifacetado e rico, João do Rio conseguiu produzir uma série de trabalhos que fornecem retratos sobre vários aspectos de tantas turbulências. Os conjuntos de reportagens e crônicas assinadas por João do Rio e publicadas originalmente em jornais da época ao longo das duas primeiras décadas do século passado foram transformadas em livros. Entre os títulos, destacam-se *A Alma Encantadora das Ruas*, *Vida Vertiginosa* e *As Religiões no Rio*. É sobre este último que versa o presente artigo. O redesenho das formas pelas quais o jornalismo trabalhava pode ser percebido com clareza neste trabalho, em que João do Rio mergulha nas crenças, nos ritos, nos dogmas e nas práticas religiosas do Rio de Janeiro de mais de cem anos atrás. Naquele momento, tratava-se de algo inédito, já que praticamente ninguém havia se incumbido de tal missão. Subir os morros para visitar terreiros

de candomblé e umbanda, a tentativa de entender as regras da maçonaria, o surgimento das igrejas evangélicas na cidade. Tudo isso é contemplado de uma maneira singular, graças, em grande medida, às transformações profundas pelas quais passava o jornalismo e que João do Rio soube tão bem ler, participando ativamente desse processo.

A INVESTIGAÇÃO

Na atual organização do jornalismo, realizado dentro de uma estrutura comercial e que se formata por hierarquias e objetivos também capitalistas, uma reportagem que demande três meses de apuração é algo raríssimo. Geralmente, quem consegue tal quantidade de tempo para realizar seu trabalho, ou tem uma posição mais privilegiada dentro dessa estrutura, ou tem em mãos um assunto que vai gerar enorme repercussão e que merece um tratamento especial. João do Rio, em 1903, se deu esse tempo apenas para conhecer os chamados cultos afro-brasileiros que tinham enorme importância em um Rio de Janeiro com grande população negra – é bom lembrar que até poucas décadas antes, a então capital do Império fora o porto de maior movimento no mundo quanto ao tráfico de escravos –, mas que era absolutamente marginalizada, tendo sua cultura totalmente desvalorizada. Mas não para um repórter de verdade. João do Rio tinha também suas reservas e preconceitos que transparecem na forma como aborda e comenta tais ritos, mas eles não foram fortes o suficiente para soterrar sua curiosidade quanto ao tema. Ele subiu os morros e visitou terreiros de candomblé e umbanda, viu incorporações e explicou a dinâmica daquilo que soava como misterioso e amedrontador para a maioria das pessoas da época.

O trabalho é considerado ainda hoje o primeiro publicado sobre o assunto que contasse com uma amplidão razoável de informações. Entre janeiro e março de 1904, João do Rio publicou o resultado de suas apurações no jornal carioca *Gazeta de Notícias* essa série de reportagens em que apresentava a um público bem mais numeroso um novo vocabulário, em que constavam, por exemplo, palavras como babalorixá, Ogum, ebó, pai-de-santo. Com estilo provocador, uma de suas mais marcantes características, João do Rio descreve o que chama de “feitiços”, num misto de apuração dedicada e ironia irresistível. “Vivi três meses no meio dos feiticeiros, cuja vida se finge desconhecer, mas que se conhece na alucinação de um amor ou da ambição, e julgo que seria mais interessante como patologia social estudar, de preferência aos mercadores da paspalhice, os que lá vão em busca do consolo” (RIO, 2006, p. 50).

Era um mundo novo que se descortinava aos seus leitores, algo que só foi possível graças ao espírito do repórter, que esteve nos locais em que esse universo existia para contar como ele funcionava e quem eram as pessoas que nele atuavam. “Os feiticeiros formigam no Rio, espalhados por toda a cidade, do cais à estrada de Santa Cruz” (RIO, 2006, p. 51). E sobre eles, o autor vai desfiando uma série de dados curiosos, em que há uma tentativa clara de explicar os preceitos que seguem. “Essas criaturas contam à noite o rosário ou tessubá, têm o preceito de não comer carne de porco, escrevem as orações numas tábuas, as atôs, com tinta feita de arroz queimado, e jejuam como os judeus 40 dias a fio, só tomando refeições de madrugada e ao pôr-do-sol” (RIO, 2006, p. 26).

João do Rio não consegue dar conta das muitas diferenciações que hoje são conhecidas entre as vertentes das religiões afro, mas faz tentativas interessantes nesse sentido. O autor percebe, por exemplo, que os africanos vindos da região do Golfo da Guiné têm um papel importante na definição dos cultos religiosos, sobretudo no ambiente urbano da então

capital da República. Como frisa João Carlos Rodrigues, biógrafo do escritor e que assina a apresentação de uma edição mais recente de *As Religiões no Rio* (2006), apenas estudos que surgiram décadas após a publicação das reportagens vieram reforçar essa particularidade. Antes, os africanos vindos de Angola e do Congo ganhavam maior atenção, já que eles formavam a maior parte da mão-de-obra escrava empregada nas fazendas de café.

Nas cidades, porém, essa configuração era um pouco diferente, o que se refletia nas religiões africanas descritas por João do Rio. “Um babaloxá da Costa da Guiné guardou-me dois dias às suas ordens para acompanhá-lo a lugares onde havia serviço, e eu o vi entrar misteriosamente, entrar em casas de Botafogo e da Tijuca, onde, durante o inverno há recepções e *conversations* às cinco da tarde como em Paris e nos palácios da Itália” (RIO, 2006, p. 61, grifo do autor). Ao mesmo tempo em que informa sobre a origem geográfica dos ritos, João do Rio deixava claro que as altas classes tinham uma intimidade – até mais do que se poderia imaginar – com tais religiões, reverberando algo que escritores como Machado de Assis e Aluizio de Azevedo, por exemplo, já haviam mencionado em alguns de seus romances.

João do Rio, porém, não estava elaborando um romance. Ele fazia jornalismo e dava a essas expressões religiosas um estatuto ainda não observado em tal esfera em tamanha dimensão. Isso fica ainda mais claro quando lembramos que *As Religiões no Rio* não é um conjunto de reportagens apenas sobre os cultos de origem africana. Ele é dedicado também a outras crenças. Os positivistas ganham uma matéria. Mas não haveria aí uma confusão entre linhas religiosas e filosóficas, já que o positivismo fundado de Auguste Comte, ainda que contasse com seguidores inflamados, não é exatamente uma seita? “Era domingo, à porta do Templo da Humanidade, na rua Benjamin Constant. [...] Tínhamos ido conversar com um velho positivista” (RIO, 2006, p. 89). Sim, havia uma igreja positivista no Rio de Janeiro e João do Rio descobre alguns de seus segredos conversando com um de seus membros, um senhor que, durante a entrevista, explica ao repórter e aos seus leitores as relações filosófico-religiosas que envolvem o positivismo. Em outra reportagem, o autor conta mais sobre os maronitas que viviam e cultivavam sua religião no Rio de Janeiro. “Os maronitas, gente extremamente religiosa, habitam a Síria e descendem dos Aramilos, filhos de Aram, de Sem, de Noé. Ascendência tão digna de respeito só os preparou para um longo e pungente sofrer” (RIO, 2006, p. 101).

As investigações do repórter João do Rio se estendem aos que cultuam o satanismo, aos que promovem exorcismos, fala dos fisiólatras. Ao entrevistar um dos líderes desta religião, João do Rio recebe a seguinte definição: “A fisiolatria não é um culto no sentido vulgar da palavra, mas uma verdadeira cultura mental. É, antes, a sistematização racional do processo espontâneo da educação dos seres vivos, donde resultaram todas as aptidões, mesmo físicas e fisiológicas, respectivamente adquiridas” (RIO, 2006, p. 111-112). Qual foi a reação de João do Rio? “Pus as mãos na cabeça assombrado” (RIO, 2006, p. 112). É interessante destacar também o tom empregado pelo autor para falar das denominações evangélicas, que começavam a ganhar força naquele início de século XX. Há a preocupação em deixar seus seguidores falarem, contextualizando historicamente o momento em que tais expressões religiosas surgem na sociedade carioca que, no momento em questão, era um retrato do Brasil.

O sr. Robert Reid Kalley trabalhava na Ilha da Madeira, quando, em 1855, lembrou-se de vir ao Rio de Janeiro. Era escocês, médico, ministro evangélico e possuía bens de fortuna. Ao deixar o clima delicioso da ilha por esta cidade, naquele tempo foco de algumas moléstias terríveis, não o enviava nenhum *boardstrangeiro*, vinha espontaneamente por amor do Evangelho de Jesus Cristo.

O Brasil sempre foi um centro de reuniões de colônias diversas praticando as suas crenças com a mais inteira liberdade.

Entre a prática da religião, porém, e a pregação à grande massa vai uma diferença radical. Robert Kalley vinha para uma monarquia católica, em que a igreja era um desmembramento do estado; aportava a uma terra em que cada data festiva fazia repicar os sinos das catedrais e desdobrava sobre a cidade os pálios e as sedas roxas dos paramentos sacros; vinha pregar ao povo, amante de procissões, que rojava na poeira das ruas quando passavam as imagens seguidas de soldados. E Kalley veio e pregou contra os pálios, contra as imagens e contra o povo a rojar, escudado na doce crença de Jesus... (RIO, 2006, p. 131-132, grifo do autor).

Já quanto aos seguidores do espiritismo, o autor faz uma clara diferenciação entre os que chama de “sinceros” e os que acusa de serem “exploradores”. Sobre os primeiros, escreve ele: “Muita coisa há no mundo de que não cuida a nossa vã filosofia, muita coisa há neste mundo invisível... Já não se conta o número de espíritos ortodoxos, conta-se a atração dos nossos cérebros mais lúcidos pela ciência da revelação” (RIO, 2006, p. 268). Para os que considera charlatões, João do Rio dedica sua verve mais venenosa.

O espiritismo difundiu-se na população, enraizou-se, substituindo o bruxedo e a feitiçaria. Além dos raros grupos onde se procede com relativa honestidade, os desbriados e os velhacos são os seus agentes. Os médiuns exploram a credulidade, as sessões mascaram coisas torpes e de cada um desses viveiros de fetiche a loucura brota e a histeria surge. Os ingênuos e os sinceros, que se julgam com qualidades de mediunidade, acabam presas de patifes com armazéns de cura para a exploração dos crédulos; e a velhacaria e a sem-vergonhice encobrem as chagas vivas com a capa santa do espiritualismo. Quando se começa a estudar esse mundo de desequilibrados, é como se vagarosamente se descesse um abismo torturante e sem fundo” (Rio, 2006, p. 283-284).

Sobre toda a investigação empreendida por João do Rio a respeito das religiões, os cultos, as práticas então desconhecidas da maioria que eram realizadas na capital federal, percebe-se um discurso diferenciado no aspecto jornalístico, com ênfase clara aos dados apurados nos locais onde tudo ocorria, com a coleta de dados nos espaços e com as pessoas que neles habitavam e ali viviam. É um outro tipo de abordagem que, mesmo tendo um viés mais literário em vários trechos, configura-se como um documento inestimável de um momento importante não só para uma cidade – o Rio de Janeiro – e um país que ingressava no século 20 transformando-se, tendo como base o caráter religioso observado naquelas circunstâncias. Passamos a analisar mais detidamente esses aspectos discursivos.

O DISCURSO

É importante, inicialmente, destacar que o discurso de João do Rio sobre as religiões no Rio de Janeiro é enfeixado no interior de sua vivência pessoal em uma dimensão que fica acima do que habitualmente se vê com outros autores. Por sua própria trajetória pessoal e as experiências de vida que teve, Paulo Barreto era um homem que, às vezes passionalmente, contaminava seus textos com elementos de circunstâncias muito específicas em que estava inserido. Homossexual, mulato, obeso e de origem pobre, João do Rio foi alvo, no decorrer de toda sua vida, de diversas discriminações, vindas das mais diferentes fontes. Ele, contudo, conseguiu abrir seus próprios caminhos em meio às dificuldades. Com inteligência vivaz e um senso raro de oportunidade, aquele jovem ambicioso e até um pouco subversivo teve pretensões literárias logo cedo, estabelecendo objetivos nada modestos para sua carreira,

muitos deles alcançados posteriormente. Pupilo de José do Patrocínio, admirador ardoroso de Arthur Azevedo e Machado de Assis, influenciado pela prosa de Balzac e Dostoiévski, ele, bem cedo, identificou-se, como mostram essas referências, com aqueles que eram desprezados pela sociedade, incompreendidos em suas opções, escanteados sem muita cerimônia. Talvez para marcar essa posição, João do Rio fazia questão de demonstrar, publicamente e desde o início de sua jornada na literatura e no jornalismo, de que lado estava e a quem representaria em seus textos.

Isso fica patente em alguns episódios, como nos conta seu biógrafo. Introduzido nos círculos intelectuais por um tio jornalista, ele era um assíduo frequentador de locais mais boêmios, construindo sua figura pública com esmero e ousadia.

Neste local boêmio surgiu a figura ‘simpática e gordalhona do [...] adolescente imberbe [...] levando debaixo do braço o último número do *Mercure de France*, as últimas semanas do *Figaro* e do *Journal* [...] rapazote de carão largo e pálido, olhos dolentes a rolar no fundo de profundíssimas olheiras [...] ao canto do olho melífluo e sentimental, um monóculo’. As discussões literárias sacudiram suas ideias moralistas, levando a atrair-se pelo aspecto ‘degenerado’ dos que ferozmente condenava. Raspou a cara inteiramente. Na época em que praticou tal imprudência, a cara raspada só era tolerada nos atores e nos padres, e os pioneiros da novidade, seguido nas ruas aos assobios por molecotes. Vestia vez por outra um fraque branco (como o *Des Esseintes de Às Avestas*) ou um terno verde com bengala idem (tal o *Monsieur de Phocas* do romance homônimo de Jean Lorrain). Não podia deixar de fazer-se notar” (RODRIGUES, 1996, p. 38).

Trajando-se de forma eclética e agindo em dissonância com muitas das convenções sociais vigentes, João do Rio era adorado por alguns e odiado por muitos. As histórias escabrosas – nem todas falsas – eram fartas a seu respeito e espalhadas com extrema rapidez. Tinha um talento quase inigualável para quebrar regras – na profissão e na vida pessoal – e colecionar inimigos e desafetos. Não escondia sua opção sexual, tão combatida naquele início do século 20, e por conta dela chegou a envolver-se em escândalos, aumentando sua (má) fama na alta sociedade. Se antes era um positivista moralista, transformou-se depois em um homem com espírito contestador e gostava de desafiar aqueles que o criticavam ou tentavam prejudicá-lo. Todos esses ingredientes ajudaram a compor a receita de sua escrita. Algo que pode ser analisado sob as luzes do conceito de paratopia da Análise do Discurso, em que a posição do autor, de onde está aquele que escreve, torna-se fundamental para a compreensão do que produz. “A situação paratópica do escritor leva-o a identificar-se com todos aqueles que parecem escapar às linhas de divisão da sociedade: boêmios, mas também judeus, mulheres, palhaços, aventureiros, índios da América..., de acordo com as circunstâncias. Basta que na sociedade se crie uma estrutura paratópica para que a criação literária seja atraída para a sua órbita” (MAINGUENEAU, 2001, p. 36).

João do Rio conseguiu ascensão social, foi empresário e dono de jornal, viajou à Europa, dando-se ao luxo de lá passar uma temporada, mas isso não o tirou de certa marginalidade. Ele teve, por exemplo, muitas dificuldades para ingressar na Academia Brasileira de Letras, não porque sua produção literária tivesse baixa qualidade e sim porque sua conduta desagradava vários dos membros mais conservadores. O escritor era, constantemente, atacado na vida privada em razão de sua preferência por jovens másculos, algo que nunca ocultou de ninguém. Além disso, o fato de ter ascendência negra, em um País que mal havia abolido a escravidão, era outro obstáculo a lhe dificultar suas travessias, até mesmo as literárias. “As obras

emergem de percursos biográficos singulares, porém esses percursos definem e pressupõem um estado determinado do campo. [...] O importante é a maneira particular como o escritor se relaciona com as condições de exercício da literatura de sua época.” (MAINGUENEAU, 2001, p. 45).

Esses são elementos fundadores de algo mais amplo, da chamada formação discursiva, em que outros aspectos interferem no resultado final. É necessário observar, além da biografia do autor e o contexto social em que tal obra foi elaborada, questões mais diversificadas, tais como as referências anteriores daquele autor em particular, o trabalho polissêmico e parafrástico que maneja, os arquivos com que lida para a construção de seus textos. “Isto dito, a noção de tipo de discurso é heterogênea; trata-se de um princípio de agrupamento de gêneros que pode corresponder a duas lógicas diferentes: a do co-pertencimento a um mesmo *aparelho institucional* e a da dependência de um *mesmoposicionamento*” (MAINGUENEAU, 2008, p. 17, grifos do autor).

É o mesmo que dizer que toda obra é algo individual e ao mesmo tempo coletiva, uma vez que o escritor não se torna imune a um sem número de influências e constrangimentos que integram qualquer atividade que interaja com a sociedade. Ao falar das religiões no Rio de Janeiro, João do Rio, inescapavelmente, esteve sob tais ditames. Discursos constituintes que trazem ideias e concepções que atravessam todos os objetos abordados e que se fazem presentes no texto final, com maior ou menor nível de consciência disso. “Os discursos constituintes possuem, assim, um estatuto singular: zonas de fala em meio a outras e falas que pretendem preponderar sobre todas as outras. [...] para não se autorizarem apenas por si mesmos, devem aparecer como ligados a uma Fonte legitimadora” (MAINGUENEAU, 2008, p. 39).

No caso de *As Religiões no Rio*, o próprio assunto em questão já é delicado por natureza e o autor, em muitas oportunidades, mostra-se cético, quando não sarcástico, com as crenças das quais duvida. Trata-se de uma estrutura de apreensão de algo muito importante em todas as civilizações e que toca fundo na própria identidade individual de cada um de nós. Mesmo contestando certos ritos e sacerdotes, João do Rio o faz tendo como parâmetros o que acreditava ser, em suas próprias palavras, “honesto”. Há, mesmo que não explicitamente o tempo todo, um João do Rio que acredita em algo, mesmo que seja no descrédito de outro algo. Indiferente, porém, ele não esteve durante sua investigação acerca das crenças que povoavam a cidade naquele período. “Em suma, o sagrado é um elemento na estrutura da consciência, e não uma fase na história dessa consciência. Nos mais arcaicos níveis de cultura, *viver como ser humano* é em si um *ato religioso*, pois a alimentação, a vida sexual e o trabalho têm um valor sacramental. Em outras palavras, ser – ou, antes, tornar-se – um homem significa ser ‘religioso’” (ELIADE, 2010, p. 13, grifos do autor).

Observando-se mais atentamente o texto de João do Rio é perceptível que ele sequer tentou esconder tais particularidades de seu discurso, mesclando as técnicas de um jornalismo em transição com suas próprias visões de mundo. “João do Rio se coloca o tempo todo na narrativa e suas reações diante do que ouve são informações importantes para a apuração das crenças que existiam naquele Rio de Janeiro no início do século XX. Suas impressões são relatadas com naturalidade” (BORGES, 2013, p. 300). Sem a preocupação em tentar ocultar opiniões e vivências, João do Rio foi, para o jornalismo brasileiro, um dos que assumiram a responsabilidade de romper paradigmas. Na série de reportagens *As Religiões no Rio*, isso fica patente. O discurso empregado neste trabalho tem um compromisso jornalístico, informativo patente, mas sem abdicar, ou sequer escamotear os discursos anteriores que trazia consigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos contidos em *As Religiões no Rio* são valiosos sob vários prismas. Trata-se de um registro jornalístico bem realizado a respeito dos ritos religiosos que poderiam ser encontrados no Rio de Janeiro no início do século XX. É também uma das primeiras amostras mais amplas de como o trabalho jornalístico seria realizado na imprensa nacional dali em diante. Configura-se, ainda, como um panorama sociológico, dadas as condições de sua autoria e do objeto observado, que revela as formas pelas quais ritos e práticas hoje tão disseminadas começavam a se consolidar no País, além de demonstrar que estereótipos e preconceitos cercavam alguns credos, como as religiões de origem africana, o pentecostalismo e o espiritismo. Observando-se atentamente o discurso empregado na construção desses textos, é possível fazer uma rica viagem ao passado e, dessa forma, conhecer nossa história de uma maneira mais completa.

O trabalho pode conter lá suas falhas e deixar lacunas, não sendo em determinados instantes tão preciso quanto se desejaria, mas é impossível negar sua importância para que possamos conhecer um pouco mais dos cultos religiosos, de igrejas e seitas, em um Brasil que procurava construir sua identidade nacional em um período de intensas transformações, modificações essas que também atingiam frontalmente o jornalismo então exercido. Por meio de seu discurso, João do Rio conseguiu deixar como legado uma série de reportagens que fala de algumas facetas do Rio de Janeiro, do Brasil e da sociedade de cem anos atrás, nos fazendo compreender melhor as trajetórias e caminhos que nos trouxeram até aqui.

RELIGIOUS RESEARCH OF JOÃO DO RIO

Abstract: João do Rio, considered the first modern reporter of Brazilian journalism, wrote in the early years of the 20th century, a number of issues which were later compiled in this book As Religiões do Rio, investigating, as had never been done before, the expression of many beliefs, churches and religious denominations existing in the then federal capital a century ago. This article proposes an approach to realize about this pioneering work by the prospects of concepts of Discourse Analysis of the French School (AI) and the vision of journalism with the main focus the ways that the author gave to religions, reflecting on their attitudes towards the question of how and made their reports on the subject.

Keywords: *Religions. João do Rio. Discourse. Journalism.*

Referências

- BORGES, Rogério. *Jornalismo literário: teoria e análise*. Florianópolis: Insular, 2013.
- ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas I: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis*. São Paulo: Zahar, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- RIO, João do. *As religiões no Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio, uma biografia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.